

EDITORIAL

DESCASO COM A MEMÓRIA FAMILIAR

Percebe-se uma despreocupação, descaso mesmo, de muitos, quanto à preservação da memória familiar, lembranças, vivências, sagas, mitos do grupo doméstico. O ato e o dever de transmitir, aos novos, filhos, sobrinhos e netos, os fatos, a genealogia, elos que ligam gerações e que são e sempre foram ingredientes fascinantes para a criança. Nossas primeiras lembranças, experiências, afinal, são provindas do relicário e do sacrário familiar: nomes, atitudes, profissões dos antepassados, histórias que nos eram contadas pelos pais, o contacto com a fé, imagens (que nos ficam) retidas na memória.

Os largos espaços da infância onde os pés afundam no chão e que necessitam ser preenchidos com hábitos, afetos, contos, cantos, constitutivos das fontes da memória. Igualmente a fixação, a convivência, o reconhecimento das personalidades paterna e materna, dos avós, tios, com a retenção de seus traços físicos e espirituais – o irmão desprezado, o primo corajoso, o vizinho travesso, a mãe abnegada, o avô sábio, o pai batalhador.

Os acontecimentos externos chegam, inicialmente, às crianças, através do filtro e da visão dos parentes, a que se acresce, oportunamente, o oriundo dos meios de comunicação, da vizinhança, escola. Estranhamos hoje quando se pergunta a um jovem e ele sequer sabe informar precisamente quem são seus avós! Perdem-se assim referenciais, símbolos, quadros familiares e sociais do passado - costumes, linguagens, sentimentos, traços fisionômicos, festas, aniversários, convenções, bodas... Dispersam-se, enfim, na distância, na omissão,

histórias e trajetórias!

A memória familiar e social se fortalece mediante o diálogo doméstico, as relações com primos, tios, avós, que, no passado, formavam amplamente o núcleo do clã familiar. Compete, pois, especialmente aos pais e avós serem os guias que ajudem na condução e apreensão dos caminhos do tempo – muitas vezes bifurcados - a serem palmilhados pelos descendentes. Imagens perpetuadas, laços familiares reforçados!

Impulsos, idealismos, ternuras, agressividades, complacências, companheirismos, intimidades, vivências, valores e reminiscências quantas... Quem mais aninha uma criança ao colo para uma canção de ninar? Quem mais conta histórias, seja uma saga familiar ou uma lenda regional, aos filhos, aos netos? Histórias do urutau, saci, mula sem cabeça, de assombrações, o plop-plop das passadas misteriosas pelos corredores das velhas casas ou pelas ruas em horas desertas? E a vivência religiosa, parábolas e preces que nossas mães ajudavam-nos a balbuciar, aos pés do oratório ou ante os ícones e imagens dos santos expostos ao longo do santuário do lar? As cantigas de rodas e inocentes brincadeiras infantis, iniciadas nos passeios das casas e com a presença das crianças da vizinhança, quem mais o faz, o estimula?

Vínculos estreitados, subjetividades que, buriladas agora na alma infantil, formarão, reagruparão no futuro, imagens de espaços sociais, familiares e até mesmo correlacionadas/compartilhadas pelos vizinhos, colegas, professores, as primeiras atividades religiosas hauridas nas escolas bíblicas e de catecismo, práticas esportivas, etc.

AO PÉ DA FOGUEIRA

O FUNIL

A estalagem do sr. Sabino Resende, naquele ano, aí pela década de 1920, achava-se lotada de hóspedes. Gente se acotovelando por todos os lados. Os quartos todos ocupados. Um verdadeiro formigueiro. Não havia como acolher ninguém mais.

Nas demais casas do arraial, situação idêntica: regurgitando de pessoas. Ruas atropetadas de cavaleiros, mascates, vendedores ambulantes,romeiros. Também muita gente em trânsito: tropeiros, viajantes rumo ao sertão ou descendo para o litoral, que o arraial era ponto de passagem de caravanas, tropas, boiadas, viandantes de todas as eiras e beiras. Tempo das famosas Festas de São Tiago Maior, o venerado padroeiro, e que se estendiam até meados de Agosto, atraindo centenas de devotos e peregrinos, vindos sós, em grupos menores, famílias inteiras, grandes comitivas, de toda a região adjacente e de plagas distantes.

Noite cheia, treva compacta, chega um casal, requisitando acomodação. – Não há como atendê-los, diz o estalajadeiro.

O casal implora. Estavam extenuados, viajaram léguas e dias, enfrentaram contratempos na viagem e ali estavam, devotos de São Tiago Maior que sempre foram, e dessa vez, a fim de cumprir uma especial promessa. – Impossível, pensa o proprietário daquela concorrida pousada.

Sabino, condoído, busca uma solução. Como era também comerciante – aliás, o maior do arraial – lembrou-se do grande número de barris vazios, desses de envasar cachaça, altura de uns dois metros, existentes em seu armazém, ordenando aos seus empregados que fossem busca-los.

Transportados os pipotes até à sala da hospedaria, Sabino providenciou, com eles, um cercado. Trouxe colchão, travesseiros, lençol, fronhas, cobertores e eis um improvisado, aconchegante quarto e com total privacidade para o exausto casal de peregrinos.

Ao dirigir-se ao “quarto”, o casal, à meia voz, com certo acanhamento, pede um pinico. Difícil atender, pois todos os urinóis da pensão já estavam disponibilizados para os demais quartos, incluindo o estoque



Praça da Matriz na década de 1920.

Na lateral e fundos, vista do comércio e hospedaria do Sr. Sabino Resende.

de sua venda (Naqueles tempos, não havia banheiros nas residências e interiores como hoje – apenas latrinas ou fossas secas nos quintais ou simplesmente o mato)

Sabino, uma vez mais, busca uma solução. Dirige-se ele próprio ao armazém, recolhe dali um garrafão vazio e entrega-o ao homem. Surpreendido, retraído, o hóspede esclarece que o “utensílio” era para sua mulher, “no aperto”. Retorna Sabino ao interior da venda e de lá traz um funil – utilizado para despejar querosene nos tonéis e vasilhas de seu afamado comércio – entregando-o ao marido. Este agradece longamente e adentra o adaptado quarto.

- Aqui termina a nossa história. Agora, vai-se lá saber, como é que a senhora “apertada” se virou com o funil e o garrafão...

ADIVINHAS

- 1- O que é, o que é? À direita sou um homem, facilmente acharás. Às avessas só à noite e nem sempre encontrarás.
- 2- Mantém sempre o mesmo tamanho, não importa o peso?
- 3- Por que os loucos nunca estão em casa?
- 4- O que detestamos na praia e adoramos na panela?

Respostas: 1- Raul e Iuar; 2- a balança; 3- porque vivem fora de si; 4- caldo

Provérbios e Adágios

- Pardal que acompanha João-de-Barro vira ajudante de pedreiro
- A aranha, um dia, se enrola na própria teia
- Quando o gato almoça, os ratos escondem-se sob a lenha
- Assombração sabe para quem aparece
- Conheça-se o gigante pela unha
- Vaso ruim não quebra
- Tanto vai o cântaro à fonte que, um dia, ele quebra

Para refletir:

“O abraço faz a gente se sentir bem. Acaba com a solidão. Faz a gente superar o medo. Abre passagem para os sentimentos. Constrói a autoestima. Estimula o altruísmo. Retarda o envelhecimento. Ajuda a controlar o apetite. Alivia a tensão. Combate a insônia. É ecologicamente benéfico, não tumultua o meio ambiente. Do ponto de vista energético é eficiente, economiza calor. Torna os dias mais felizes. Torna viáveis os dias impossíveis. Preenche os espaços vazios em nossas vidas. Continua trazendo benefícios mesmo depois de desfeito”
(Kathleen Keating, “A Terapia do Abraço”, Ed. Pensamento)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



BIBLIOTECAS SÃOTIAGUENSES

Em nossa edição nº XLVI, Julho/2011, publicamos matéria sob o título “História das Bibliotecas de São Tiago”. Igualmente nossa edição nº XLVIII, Setembro/2011, intitulada “A Biblioteca Pública Municipal de São Tiago e seu Patrono” abordou o mencionado tema.

Recentemente, fomos questionados quanto ao destino do acervo da Biblioteca da antiga Escola da CNEC, estabelecimento de ensino de 1º e 2º Grau que funcionou, entre nós, entre 1958 e 1986. O educandário cenequista foi incorporado, no seu final, pela Escola Estadual “São Francisco de Assis” (2º Grau) e esta, por sua vez, foi absorvida posteriormente pela Escola Estadual “Afonso Pena Júnior”.

Acreditamos, dessa forma, que o acervo bibliográfico e bibliotecômico da extinta Escola da CNEC, com centenas de obras, principalmente da área pedagógica (o educandário mantinha habilitação/course profissionalizante de Magistério) tenha sido anexado aos estabelecimentos que o sucederam, mantidos pelo Estado, ou então remanejado para a Biblioteca Pública Municipal.

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MONS. ELÓI

Nascido em nossa terra, em 19/11/1915, teremos em 2015, por conseguinte, o centenário de nascimento do Revmº Mons. Francisco Elói de Oliveira. Uma das maiores personalidades da história são-tiaguense, em sua abnegada atuação como pároco, educador, administrador, capelão militar, entendemos que a Comunidade – por suas lideranças políticas, religiosas, educacionais, etc. – necessitam se movimentar, programar e promover as devidas e justas homenagens ao seu ilustre e laborioso filho.

Já tivemos oportunidade de sugerir, em nossas páginas, seja denominada Praça Mons. Francisco Elói a atual praça da Capela do Senhor dos Montes, juntamente com a edificação ali de monumento ou busto homenageando nosso eminente conterrâneo. A própria capela, na verdade um memorial cívico-religioso-histórico – uma das inúmeras obras de Mons. Elói - necessita de urgente restauração.

Para 2015, registramos ainda:

- 60º aniversário de falecimento do Revmº Pe. José Duque de Siqueira (+ 1955)
- 40º aniversário de falecimento do Sr. Octávio Leal Pacheco (+ 1975)
- 30º aniversário de falecimento do Revmº Pe. Tiago de Almeida (+ 1985)
- 40º aniversário de inauguração da agência e torres da Telemig (1975)
- Criação do Colégio Normal Santiaguense – CNEC – 2º Grau (1965)
- Instalação da Escola Estadual “Farmacêutico Henrique Pereira Santiago” (1985)

Patrocínio:



Apoio Cultural:



BOLETIM EM SEU 8º ANO UMA RETROSPECTIVA

Quando lançada a ideia de um periódico de viés cultural e memorialístico, nos moldes de nosso boletim, lá se vão sete anos, pensou-se, inicialmente, em edições esporádicas, despretensiosas, descompromissadas quanto à sua regularidade editorial. Chegou-se a dizer que não haveria material sequer para dez números! Buscava-se - e busca-se - uma forma de reunir, registrar e compilar fatos de nossa história e oralidade, espalhados no tempo e com muito acervo já perdido, incluindo-se aí a região adjacente a São Tiago. O objetivo maior: suprir-se uma, até então, gritante lacuna em nosso meio. Algo que nossos antepassados e mesmo nós contemporâneos, por razões as mais diversas e compreensíveis, não o fizemos!

E como as páginas do boletim são lidas, comentadas, geralmente elogiadas, pesquisadas por estudantes e leitores, não só de São Tiago, mas de toda a região!

Acreditávamos que empresas e instituições locais, para tanto contactadas, se uniriam a esse esforço, que é de total interesse coletivo, inclusive no patrocínio das edições. Óh, santa ingenuidade! Apenas alguns empresários - honrosas e nobres exceções, diga-se a verdade e a quem, em nome da coletividade, somos imensamente gratos - se dispuseram, de início, a colaborar, deixando, porém, de fazê-lo ao curso das edições, o que basta ser verificado, cotejando-se a relação de patrocinadores, ao longo de nossos números editados. Isso sem falarmos nos impropérios que ouvimos de alguns, quando abordados (de que é obrigação do Poder Público, de que é coisa de "desocupado", "não disponho no orçamento de minha empresa de recursos

para atender esse tipo de despesas", etc.) Ainda está longe a conscientização e a responsabilidade social de nossas empresas e de nossos concidadãos!!!

Bom ou ruim, o boletim vem se mantendo, graças ao apoio das empresas cooperativistas com atuação local, muito especialmente do SICOOB CREDIVERTENTES - honrando, sobremaneira, os valores socioculturais e compromissos maiores de desenvolvimento comunitário peculiares à doutrina cooperativista - e de pessoas solidárias que contribuem mensal ou esporadicamente para tal. Entrando em seu 8º ano editorial, entendemos, todavia, ser momento de que outras pessoas e entidades coparticipem ativamente do processo de resgate da memória local/regional. Dispomos de um grande número de universitários, pesquisadores, pessoas

cultas e que podem perfeitamente contribuir em melhor qualidade de temas e até mesmo de estilo para o boletim. Sobrando críticas e opiniões acerbas de tantos mestres e quantos censores, é tempo, decerto, de novos atores.

Buscamos ser fidedignos e imparciais, reproduzindo o pouco que conhecemos da memória local, evitando personificações ou identificações que possam provocar sensibilidades pessoais ou familiares. Nenhum subterfúgio ou sentido pessoal ou institucional ao referirmo-nos a fatos mencionados pela oralidade e por nós reproduzidos. Se terceiros, eventualmente, dão conotações, especulações outras ou distorcem o aqui narrado são de sua exclusiva responsabilidade, na condição de malversadores ou interpretes sub-reptícios da palavra alheia.

Por vezes, obviamente, há que se mencionar nomes ou locais, sem quaisquer propósitos de melindres ou de ferir suscetibilidades. Afinal, diz o ditado, "não se faz omelete sem quebrar os ovos". O interesse é unicamente o de registrar. E se o fato ocorreu, muitos deles de ordem pitoresca, não fomos nós ou qualquer outro articulista o "culpado", o "causador", o "artista" ou "coadjuvante". Transcrevemos e reproduzimos tão somente o que a história, a memória oral comentam à larga!

Todos somos atores e espectadores da história e podemos, a qualquer momento, virarmos notícia. Eis o que enriquece a memória coletiva e que necessita ser gravada, conhecida e valorizada, através de periódicos como o "Sabores & Saberes"



A REVOLUÇÃO DE 1930

A Revolução de 1930, na verdade um golpe de Estado segundo reavaliação mais recente de historiadores, foi um movimento militar que pôs fim à chamada Primeira República Brasileira, também conhecida popularmente como “República Velha” ou ainda “República do Café com Leite”.

A sublevação de 1930 é consequência, em parte, do contexto social e econômico interno e ainda da grande depressão que afetou o mundo com a quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929), cujos desastrosos efeitos provocaram uma gravíssima crise econômica mundial, em particular no Brasil, porquanto nossas receitas dependiam, em grande monta, das exportações de café. Um erro irracional, fatal, o da monocultura, porquanto café não era gênero de primeira necessidade (servia como sobremesa nos EUA e Europa) e ocupava a esmagadora maioria da mão de obra e terras cultiváveis do País.

As autoridades brasileiras e elites conservadoras, em especial os grandes empresários e “barões” do café, sempre foram míopes e resistentes à modernização e ao redirecionamento da economia do País. Sequer perceberam os novos ventos da história, com a mobilidade social: cidades crescendo, demandas de infraestrutura, a expansão da classe média, a atuação de imigrantes europeus fermentando e reordenando a vida nacional. Desde a Proclamação da República, outro canhestro golpe de Estado, o País vinha sendo administrado praticamente por políticos de São Paulo e Minas Gerais, que se alternavam consensualmente no poder, o que passou a ser denominado jocosamente como “República do café com leite”.

Na década de 1920, esse sistema ou regime mostrava sinais nítidos de desgaste, devido a várias revoltas e levantes militares (a dos 18 do Forte de Copacabana em 05/07/1922 e outra em 1924: a Coluna Prestes que percorreu 25.000 km do território brasileiro do Rio Grande do Sul ao Nordeste, daí ao Mato Grosso, adentrando até a Bolívia) ocorridas especialmente durante o governo Arthur Bernardes (1922-1926) com sua extensão e consequências ao longo do governo Washington Luís. Em 05/03/1922, na cidade de Niterói, é igualmente fundado o Partido Comunista Brasileiro e que suscitará, doravante, intensa agitação político-ideológica. O Presidente Arthur Bernardes, eleito com o apoio das oligarquias, era extremamente impopular perante a opinião pública e governou praticamente todo o período em regime de estado de sítio.

Para as eleições de 1930, houve um racha, uma cisão entre as elites e oligarquias políticas de Minas Gerais e São Paulo. O então Presidente da República, o paulista Washington Luís⁽¹⁾, insistiu em lançar, ou melhor impôs como candidato, o seu apadrinhado político e governador de São Paulo, Júlio Prestes de Albuquerque⁽²⁾, quando pelo acordo vigente entre essas elites – a alternância de poder entre os dois Estados – o candidato natural seria o governador de Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Ante o fato criado, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba criaram a Aliança Liberal⁽³⁾, lançando como candidatos o gaúcho Getúlio Vargas e o paraibano João Pessoa, para os cargos de Presidente e Vice-Presidente, respectivamente, sendo derrotados nas urnas. Júlio Prestes acabou eleito com suspeitas de fraude, o que era comum e grassava como peste, então.

O aumento acelerado da crise econômica, a séria crise política (acusações de fraudes e prepotência) e o assassinato de João Pessoa, candidato à vice-presidente pela Aliança Liberal, um crime motivado por desavenças políticas regionais (Paraíba) misturado a circunstâncias passionais. O assassinato, porém, serviu de mais estopim e pólvora para a já confusa situação, tendo a oposição alardeado, aos quatro ventos, levemente, de que se tratava de um ato do governo para calar qualquer adversário.

A 3 de Outubro, a revolta eclodiu no Rio Grande do Sul e no dia seguinte, no Nordeste, sob o comando de Juarez Távora. Algumas tropas do Exército aderiram ao movimento, outras se posicionaram favoráveis ao governo constituído, registrando-se combates pelo País. Quando se esperava uma luta de grandes proporções, entre as tropas rebeldes, vindas do Sul, e as legalistas de São Paulo, um grupo de militares depôs o Presidente Washington Luís, entregando o poder, de mão beijada, a Getúlio Vargas no dia 3 de Novembro.

Em Minas Gerais, sucederam-se resistências ao movimento rebelde, em especial pelo 12º Regimento de Infantaria em Belo Horizonte que resistiu por 5 dias e o 11º Regimento de Infantaria de São João del-Rei, em que ocorreram combates e escaramuças até o dia 15 de Outubro. Há que se registrar a atuação pessoal de D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana, que se deslocou até São João del-Rei, negociando exaustivamente e obtendo a rendição do Regimento e a cessão das hostilidades. Evitaram-se assim mais mortes e destruições patrimoniais.

Ocorre com o novo governo (Vargas) uma atualização de interesses com a ascensão de novas classes: militares, operários, classe média alçados à ponta da pirâmide social brasileira e a gradual e consequente redução do prestígio dos barões do café e dos “coronéis” latifundiários disseminados pelo País⁽⁴⁾. Contudo, nenhuma ruptura de grande ou maior relevância, daí os historiadores e estudiosos mais recentes questionarem o conceito de “revolução” para esse período político do País, nomeando-o como “golpe” (ruptura da ordem constitucional).

Assumindo o Poder em 1930, em nome da democracia, Getúlio Vargas tornar-se-ia ditador, só saindo do Poder, já deposto, em 1945!

NOTAS

(1) *Washington Luís tinha como lema: “Governar é construir estradas”. Promoveu grandes desapropriações de terras, quando governador de São Paulo, e há gente, descendentes dos antigos proprietários, esperando até hoje, passado quase um século, o pagamento das desapropriações. Coisas do autoritarismo oficial e inoperância dos poderes...*

(2) *Júlio Prestes, governador de São Paulo e presidente eleito em 1930, é nome de triste memória para os são tiaguenses. Foi ele o poderoso advogado (na verdade o dono do Estado de São Paulo, à época, primeiras décadas do séc. XX) e um dos membros da quadrilha que falsificou documentos e usurpou as imensas terras dos herdeiros de nosso conterrâneo Patrício Lopes de Sousa, a famosa herança da Fazenda Ponte Pensa (Nordeste de São Paulo e sul do Mato Grosso). Ver a esse respeito, matéria em nosso boletim: n.ºs VII Abril/2008 e X, Julho/2008.*

(3) *O programa da Aliança Liberal preconizava incentivos a outros produtos, além do café; defesa das liberdades individuais; o voto secreto; a participação democrática popular; a valorização do Judiciário; legislação trabalhista: anistia e reconciliação nacional. Acabou na sinistra ditadura getulista !!!! E há ainda hoje os “saudosistas” e “herdeiros” da tirania do “Estado Novo”...*

(4) *Os fazendeiros, em sua grande maioria, tinham horror a Getúlio Vargas. O Governo implantou direitos trabalhistas, porém sem um apoio consistente aos produtores, além da insegurança jurídica que passou a permear as relações de trabalho no campo. (Ver box “Os fazendeiros e Getúlio Vargas”)*

OS VARGAS EM MINAS GERAIS - UM RASTRO DE SANGUE E PREPOTÊNCIA - A HISTÓRIA DE UM ASSASSINATO

O pai de Getúlio Vargas foi o Gen. Manoel Nascimento Vargas que lutou na Guerra do Paraguai. Escravagista, tinha, segundo historiadores, intenso preconceito contra negros. Teve 5 filhos, todos homens: Viriato, Protásio, Getúlio, Spartaco e Benjamim, nascidos em São Borja, Rio Grande do Sul, quase fronteira com a República Argentina.

Getúlio (19/04/1882-24/08/1954), quando adolescente, foi enviado pelo pai para estudar em Ouro Preto, então capital de Minas, onde já se encontravam seus irmãos Viriato e Protásio. Briguentos e violentos, os Vargas metiam-se sempre em confusões e tumultos, seja no braço ou com armas de fogo, vindo numa dessas rixas a assassinar, de tocaia, no dia 07/06/1897, o jovem paulista Carlos de Almeida Prado Júnior, estudante de direito, filho de uma das mais tradicionais famílias brasileiras, alvejado a tiros na rua. Aos Vargas, nessa época, é/foi atribuído igualmente o assassinato de outro estudante mineiro, de nome Baltazar, em briga de bar.

Os Vargas assassinos foram protegidos escandalosamente pela justiça da época, sendo Getúlio “despronunciado” pelo juiz de direito Dr. Augusto de Lima, sob a alegação de “menor e inimputável” e assim retornado livre, à luz do dia, ao Rio Grande do Sul. E ante a dor e a indignação da sociedade mineira e das famílias que tiveram seus filhos mortos...

Getúlio era de baixa estatura, “baixote”, pernas excessivamente curtas, daí o seu apelido quando jovem: “Petiço”, que ele detestava sobremaneira. Homem de bordéis, de conchavos, de astúcias e espertezas, o “pai dos pobres”, que lhe permitiram governar o País por certa de 20 anos!

SÃO TIAGO E A REVOLUÇÃO DE 1930

O ano de 1930 foi de intensa conflagração e convulsão política que desembocariam em “revolução”, ou melhor insurgência, culminando com a deposição do Presidente Washington Luís e a ascensão ao poder, pelas armas e inconfessáveis conluís, de Getúlio Vargas. Desde os grandes centros até as pequenas comunas, os ânimos exaltados, insatisfações generalizadas, a sociedade dividida e descontente. A crise de 1929, com a asfixia do mercado mundial, conduziu, entre nós, a falência de cafeicultores e ao emperramento da economia. “Nada valia nada”, dizia-se.

São Tiago, naqueles tempos, era distrito de Bom Sucesso e cujo prefeito (então denominado presidente da Câmara) era o Cel. Antonio Carlos de Carvalho e vice o farmacêutico Bento Mendes Castanheira. Pelo decreto nº 9768 de 24/11/1930, que instituiu o regime de prefeituras e os prefeitos nomeados livremente pelo governador do Estado, Bento foi designado prefeito, função que exerceu até 1931.

Aqui, igualmente, encarniçamentos, animosidades, grupos pró e contra a Revolução. Ante os combates correntes em São João del Rei entre rebeldes e os militares do 11º Regimento de Infantaria, verificou-se um fato pitoresco, entre nós e que consta da oralidade popular. É organizado, sob coordenação do sr. Chico Lara, um grupamento de milicianos, aliados dentre pessoas da família e moradores de nosso então arraial, com objetivos de apoiar os militares legalistas em São João del Rei, acantonados e sitiados por forças revolucionárias. Deslocam-se os improvisados soldados, munidos de foices, enxadas, alguns trabucos. Ao toco batalhão, incorporam-se outros combatentes arrebanhados em Santa Rita (Ritópolis). Chegados ao Rio das Mortes, informados da inutilidade do deslocamento e de que em São João del Rei travavam-se violentos combates – em grande parte, boatos e balelas – com centenas de mortos e feridos, os heroicos são-tiaguenses e ritapolitanos dispersaram-se por ali mesmo...E pernas prá que te quero!

A REVOLUÇÃO DE 1930 NA REGIÃO

Muitos abusos foram cometidos igualmente, entre nós, pelos partidários do getulismo quando de sua ascensão ao poder.

Hilda Fernal Cascão em seu livro de memórias “Waldemar Fernal, meu pai” (Rio de Janeiro, SEL Editora, 1997) aborda, com indignação, as perseguições e desvarios que os vencidos da Revolução ou golpe de 1930, dentre esses seu pai, foram vítimas à época na vizinha cidade de Oliveira. No dia 24/10/1930, “arruaceiros e politiquinhos”, “moleques bate paus” que, de carabina na mão, lenço vermelho atado ao pescoço, saíssem em ‘caravanas policiais’ à procura de antirrevolucionários, ‘conservadores’, os ‘legalistas’ contrários à dita ‘Aliança Liberal’. Janot Pacheco, amigo e correligionário nosso (éramos a favor da legalidade pró Washington Luís) era procurado dia e noite” (op.cit, págs.29/31).

A autora relata como “a multidão, ululante e enfurecida parou diante da casa e da tipografia de “O Conservador” (jornal fundado por Waldemar Fernal, como órgão oposicionista aos desmandos que, antes, já se pronunciavam)” que, juntamente “com os equipamentos (máquinas, impressora, etc.) foram completamente destruídos pela turma encachaçada” (pág.35/36) A casa da família violada, a gráfica transformada em sucata, até “o Chevrolet de propriedade de Waldemar Fernal, havia sido retirado pela autoridade policial, o delegado, sem a menor formalidade, a fim de percorrer as estradas próximas à procura dos ‘inimigos’ da vitoriosa (e execrável Revolução de 30, que se intitulava liberal!” (pág.37). A autora informa ainda: “Até voz de prisão sofreu a filha mais velha de Waldemar Fernal quando se recusou a receber de volta o ‘ferro velho’ em que se transformara o ‘Chevrolet’ de seu pai, arrancado da garagem para ‘diligências policiais’, como foi dito na ocasião” (pág.38) “Ainda que eu vivesse cem anos, jamais me esqueceria dos desmandos que a matilha dos ‘liberais’ praticara na minha casa paterna e na tipografia. O jornal por ele fundado e mantido a duras penas, fora totalmente destruído, com requintes de selvageria, na noite amaldiçoada de 24.10.1930” (pág.31, op.cit).

Centenas, senão milhares de brasileiros foram vítimas das masmorras e das perseguições getulistas. Estranhamente, assunto que hoje pouco se vê falar ou ser pesquisado. Apenas, a título de exemplo, sugerimos a leitura de “Memórias do Cárcere” do escritor Graciliano Ramos, um dos intelectuais – dentre tantos – presos e torturados pela ditadura getulista. Entre nós, cita-se o Dr. Janot Pacheco, engenheiro, cientista e político, que esteve foragido, em nosso meio, enquanto era caçado pelos esbirros do

governo ditatorial. (Ver matéria, a esse respeito, em nosso boletim nº XXI – Junho/2009, Ano II, pág. 4).

OS FAZENDEIROS E GETÚLIO VARGAS

A relação dos fazendeiros com o Governo Vargas sempre fora tensa, a começar da decisão do Governo, em inícios da década de 1930, ante os estragos da crise econômica de 1929, em mandar queimar os estoques de café ou lança-los ao mar em navios da Marinha, a fim de equilibrar ou forçar a estabilização (“alta”) dos preços.(excesso de produção x queda do consumo mundial). Getúlio, de índole autoritária e despótica, não tinha igualmente sensibilidade para lidar com as elites e as classes produtivas, em especial a paulista, o que viria a gerar a “Revolução Constitucionalista de 1932”.

Para contrapor ou compensar a derrocada das exportações de café, estimulou-se a cultura do algodão, provocando uma febre de indústrias têxteis pelo interior do País (curiosamente toda a produção comprada pela Alemanha nazista que se preparava para a guerra, para a produção de lonas, fardas, mochilas, etc.)⁽¹⁾ e a nível dos grandes centros, a construção civil e a implantação de indústrias de base, com mão de obra endógena, oriunda principalmente do interior de Minas e do Nordeste, gerando o esvaziamento dos campos e das pequenas cidades. Nessa época, à exceção de japoneses, não mais ocorria imigração de outras nacionalidades.

Com a implantação da Legislação trabalhista, as fazendas, em especial pequenas e médias, exauridas, descapitalizadas, sem apoio creditício e de infraestrutura (estradas, tecnologia, gestão profissional, etc.) e que infelizmente ocorre até os nossos dias, passaram a presenciar o êxodo rural, inclusive os próprios pequenos e empobrecidos proprietários deixarem o campo e buscarem as cidades, empregando-se nas indústrias paulistas ou enchendo as favelas...

João Avelino, um dos mais conhecidos e respeitados fazendeiros da época, com propriedade em Ritópolis, dizia e profetizava sobre as consequências da legislação trabalhista para o nosso meio:

“Getúlio lançou uma semente tão maligna, que, crescida e erva feita, esterilizará o campo, esvaziará os povoados e fazendas, lançará todos, não só colonos e trabalhadores, mas igualmente os nossos descendentes, que até aqui e por gerações trabalharam honradamente a terra, nas ruas e mesmo nas favelas das grandes cidades. Vazios os campos e entupidas as cidades”, avaliava sabiamente o fazendeiro.

(1) São João del Rei tornou-se uma cidade operária, com a instalação de inúmeras “fábricas de tecidos”, algumas ainda em funcionamento até os dias de hoje. A maioria delas fracassou, algumas dando grandes prejuízos aos acionistas, geralmente fazendeiros da região. Vários são-tiaguenses eram sócios dessas indústrias têxteis, inclusive papai e tios. Há um curioso relato feito por papai (Sr. Antonio Pinto de Oliveira): na década de 1930, um “argentino” comprava toda a produção das indústrias de tecelagem de S. João del-Rei (panos, cobertores, barracas, etc.). Cliente fiel. Homem de pouca conversa, mas correto nos pagamentos. Soube-se depois que era testa de ferro dos nazistas. Toda a produção era levada para a Alemanha que se preparava sigilosamente para a guerra.

GETÚLIO E A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1930

Getúlio assumira o poder, propondo uma nova constituição, mas, aos poucos, passou a exibir o seu lado despótico, descumprindo promessas de remodelação e reestruturação nacional. São Paulo reagiu, em 1932, sendo o movimento esmagado pelas forças governamentais.

Getúlio, como era próprio de seu caráter absolutista, humilhou, sobremaneira o Estado de Paulo, nomeando para governá-lo uma série de interventores militares, odiados pelo povo. Tenentes se instalaram por toda a parte. As pessoas inconformadas gritavam: “São Paulo é dos paulistas / Tenente, abaixa a crista”. Getúlio instituiu um “imposto de guerra”, que perdurou por quatro anos, a ser pago pelo povo paulista, a título de indenização pelos custos do conflito. Todo funcionário público tinha um desconto correspondente a um dia de serviço (8 mil réis à época).

Uma pena as pessoas terem memória curta. A História, porém, nada esquece!

Festa de 15 anos dos “Biscoitos Falantes”

Em um dia na saudosa Fazenda do Palmito, onde morava, um importante pensamento: pensei em criar um suposto diálogo entre os biscoitos, uma vontade enorme de comemorar este momento, exclamei: Vou reunir os biscoitos...e na imaginação, todos eles foram convidados, olharam entre si e aceitaram o meu convite.

Sim, acreditei, que este trabalho literário iria despertar em muitas pessoas, principalmente nas crianças, o entusiasmo e o desejo de festejar a força da tradição entre os biscoitos e, quem sabe, ao degustar a poesia, nasceriam ali novos e pequenos escritores!

Afinal...biscoito fala? Canta? Brinca?

Oportunizando a “Festa do Café com Biscoito”, que se aproxima em São Tiago, quero ressaltar os “Biscoitos Falantes”. Daí, a importância de trazê-los à nossa memória. Foi através das experiências na escola, leitura de livros, do desfrutar no dia a dia no convívio familiar, nas doces brincadeiras de infância, das cantigas de roda, dos sonhos e na literatura, que dei vida a este trabalho, que recebeu o nome de “Biscoitos Falantes”.

Pensar ou escrever sobre biscoitos...Quais as primeiras lembranças ou imagens nos vêm à mente? Muita gente, neste momento, deve lembrar-se de sua casa...Da família numerosa esperando por suas belas quitandas deliciosas...e aquele cheiro no ar, anunciando as boas e antigas festas em nossa cidade. Lembrei-me da paixão a habilidade por parte de tantas pessoas, a esta sublime arte das nossas estimadas quitandeiras: nossas mães, avós, comadres, vizinhas e outras ...o que me fez tornar-me herdeira desse grande legado culinário. Desse modo, cresci respirando cheiro de biscoitos, nutrindo em mim, este aprendizado tão prazeroso e valioso...na minha casa, como em tantas outras nesta cidade, era e ainda são comuns, termos ricas e fartas mesas com biscoitos gostosos para serem saboreados em qualquer situação que se apresente: nossos biscoitos são sempre convidados à mesa!

Com esta experiência única e inesquecível, resolvi criar no ano de 1999, o livro “Primeiro Festival do Café com Biscoito”. Feliz com a oportunidade de escrever sobre os biscoitos, tinha em minha mente, algo que fosse agradável ao leitor, e que tivesse caráter histórico, e que pudesse representar para todos uma fonte inspiradora para fazer crescer o gosto pela arte de escrever.

Nas páginas desse livro, um dos textos escritos foi o suposto “Biscoitos Falantes”: personagens gentis, amigos da leitura, criativos, dão mais sabor à nossa cultura local, fora daqui, e preservam a nossa tradição. Biscoitos estes, que também vão às festas, eventos, e no palco da vida; se vestem dos mais variados trajes, para comemorarem com competência, a grande tradição da cidade encantada do biscoito.

Neste cenário cultural e artístico, eles se sentem membros participativos da cultura são-tiaguense, uma vez que nasceram juntos com o primeiro Festival do Café com Biscoito em 1999, realizado nesta cidade.

Foi uma preocupação por parte minha também, como professora na zona rural onde lecionava na época, e sua denominação era “Fazenda do Rio do Peixe” município de São Tiago, buscava ali, o resgate pela história de nossos antepassados, que um dia por aqui passaram: bandeirantes...sinhas moças...viajantes...tropiceros...E através destes, levar aos diversos espaços, o mundo imaginário dos.

“Biscoitos Falantes”

Estes biscoitos vieram pra ficar: famosos, criaram vida, tomaram corpo, apropriaram da sua linguagem, cativaram e cultivaram amigos, se encheram de fantasias, e tornaram-se personagens marcantes em seu mundo fictício. Durante estes quinze anos de preservação dos valores artísticos e culturais em nossa querida terra, estão sempre presentes. Estão aí, por toda a parte, circulando em várias localidades e as leitoras ao túnel do tempo, trilhando os caminhos da literatura., rompendo fronteiras de forma lúdica e participativa, interagindo com outras culturas.

E lá se vão eles, todos estes anos, rumo à cidade festeira e maravilhosa, abrilhantando-a cada vez mais. Cada um à sua maneira e especificidade. E Dona Broa de Queijo, a titular da ilustre indústria dos “Biscoitos Falantes”, está sempre conectada ao mundo virtual, conferindo a programação, este ano, que já é a décima quinta festa do Café com Biscoito em nossa cidade. Disse que já confirmaram presença e, como as crianças, eles gostam de falar, dançar, cantar também, e desta vez, até criaram cantigas entre eles, valorizando o nosso folclore.

Parabéns queridos “Biscoitos Falantes! Que este texto possa conduzir os leitores e as leitoras ao túnel do tempo, trilhando os caminhos da literatura.

Maria Ilza Mendes. 20/08/14

15 anos...dos biscoitos que falam

Nascia no meu coração um desejo
De lembranças coloridas
Do cheiro de infância!

Amanhecia... A festa acordava
Era a voz dos biscoitos
Com seus cochichos...
Encantos e segredos...

No antigo forno, as latas enfileiradas,
Biscoitos multicores
Recadinhos e rumores...

No jardim: as flores bailavam...
Ipês anunciavam a primavera...
Foguetes sopravam as estrelas
...
Pessoas se vestiam de felicidade...

Uma palavra...um despertar...
Ah! Sonhar...encantar...

Degustar o pensamento

Palpar os sentimentos
Biscoitos poetizando!

15 anos de histórias...
Festa pra comemorar
Biscoitos pra contar e cantar.

Maria Ilza Mendes



Cantigas dos Biscoitos | Maria Ilza Mendes

Ritmo: O cravo e a rosa
Pão de Queijo e a rosca



O pão brincou com a rosca
Na gamela bem polvilhada
O pão saiu branquinho
E a rosca desfarelada.

O pão ficou sorrindo
A rosca foi se aprontar
O pão se apaixonou
E com ela foi se casar.

Ritmo: Marcha Soldado
Broa de Queijo

Broas de queijo
Rendadas e pintadas
Forno aquecido
Quitandas à mesa

O Café ficou pronto
Quitandeira deu sinal
Broa, broa, broa,
Vistosa e apetitosa.

Ritmo: eu vi uma baratinha
(Canta-se e dança-se no compasso da música. Ao chegar no "sim", "sim" "não" "não", as crianças dão as mãos como para quadrilha e repete-se o trecho várias vezes)

Eu vi uma rosquinha
Paquerando o papa ovo
Assim que ela sorriu,
Ele louco, desmaiou.

Sim, sim, sim
Não, não, não
Biscoito barbacena
Escaldado no hospício.

Ritmo: A barata diz que tem
Rosquinha

A rosquinha diz que tem
Sete tranças de encanto
É mentira da rosquinha
Ela tem é duas só.
Ra, ra, ra, ra, ra, ra, ra
Ela tem é duas só.

A rosquinha diz que leu
Um poema no trigal
É mentira da rosquinha
Ela leu foi no quintal
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Ritmo: Nesta rua
Biscoito Falante

Na cidade, na cidade tem um biscoito
Que se chama, que se chama Falante
Dentro dele, dentro dele mora um sonho
Que encantou, que encantou a minha terra.

Se eu encantei, se eu encantei a tua terra
Tu encantaste, tu encantaste a mim também
Se eu encantei ,se eu encantei a tua terra
É porque, é porque tem tradição.

Se esta terra, se esta terra fosse minha,
Eu mandava, eu mandava construir,
Um jardim, um jardim com biscoitos
Para todos, para todos festejarem.

Ritmo: Dorme nenê
Rosquinha



Dorme rosquinha
Que a festa em sonho vem
A banda vai tocar
E você vai se trançar.

Ritmo: Eu fui no Itororó
Torradinha



Eu fui em São Tiago
Beber água e não achei
Encontrei a torradinha
Derretida e amolecida.

A água escaldante
Derramou na torradinha
Se não secar agora
Seu encanto quebrará.

Ô torradinha, ô torradinha
Seque a tua lágrima
Ou ficará sozinha.

Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho o casadinho
Para ser meu par.

Ritmo: Terezinha de Jesus
Pamonha

Cidade do biscoito
Casadinho é um deles
Tem estilo refinado
E gosta muito de abraçar.

O bolo foi à festa
Coração a se entregar
Para a rosca lá da praça
Que o poeta foi amar.

Nesta festa quero paz
Do seu rosto, um sorriso
No doce das palavras
Um poema ofertar.

Vida na cidade grande, divergências e contrastes da vida no interior



A vida nas cidades pequenas é marcada pela tradicionalidade do estilo de vida bucólica. A vivência de costumes marca uma moral, social, pela qual seguir tais ensinamentos e conhecimentos faz parte do roteiro para se viver bem frente aos antepassados. Alguns afirmam que, se assim viverem, jamais irão transgredir as normas e regras de um passado que é marcado pela autoafirmação de um presente em que, muitas vezes, não há necessidade de tanta ostentação para ser feliz. Basta haver o necessário para viver, um trabalho para se manter, amor para se ter e uma família para se conter.

Para uma comunidade, essa vivência é sagrada e não pode ser profanada. Costumes são uma continuidade de algo que se acredita, espera, realiza. Não que haja atraso na vida simples de moradores do interior, mas de algo que vale a pena viver... Família porto seguro, Igreja lugar de orações e de fé, Escola lugar de aprender para no futuro.

Na singeleza da vida interiorana, pessoas têm fé e rezam, respeitam o que é sagrado, tomam bênção do padre, dos pais, dos tios, dos padrinhos. Professores são líderes e singulares, pois ensinam para a vida. Todas as pessoas da comunidade até o último momento da sua vida são especiais. Tiveram uma vida e têm uma história pelo que fizeram ou por problemas não conseguiram fazê-la, devido suas limitações, mas que se tornaram singulares.

A tecnologia e a libertinagem que a vida às vezes oferece e o forte apelo que a mídia faz em todos os sentidos nos dias de hoje, não apresentam para a sociedade nenhuma forma de rever o que tinha de ingênuo e puro na vida utópica do interior. Essa mudança traz algum ganho para a sociedade atual? Pensamos que não! O corre-corre em demasiado ainda é grande! Todos estão atrasados e sempre afoitos, ansiosos para preencher uma sensação de que sempre acaba em "dever não cumprido" e com a preocupação sobre o que faremos no dia de amanhã. Pobre de nós! Escravos do tempo e da obrigação! Cadê o amor e a familiaridade de estarmos juntos com o outro? Seria careta viver o sabor do interior que, embora seja tão simples, não requer muita coisa pra ser feliz?

Certa vez, na histórica São João del-Rei, observava uma urna que vinha carregada por homens num cortejo fúnebre a qual dividia a metade da rua com carros que nem pensavam em parar e respeitar aquela família enlutada que chorava o seu ente querido. Nem nesse momento se respeitava a dor de uma pessoa que partira, fosse essa rica, pobre, de família, indigente. Comércio com suas portas abertas e as vendas em vento e poupa... Carros com som infernal de propagandas. Ninguém prestava atenção no que se vendia de tanto repetir a voz do locutor e da música de fundo com um ritmo acelerado. Tudo muito oposto à vida do interior, que se solidariza com a família enlutada, silenciando lojas, baixando portas, possibilitando que essa ocasião de recolhimento, traga para a família paz e serenidade nesse momento de dor.

Marcus Santiago



CANÇÃO DA ALEGRIA SEM FIM

Ó minha "Saudade de Zélia" querida
 Berço da minha infância
 Onde aprendi, desde criança,
 A amar tanto a minha vida
 Que, embalada por seus encantos
 De tantos dons naturais,
 Cresci à sombra dos ciprestes
 Que sempre me evocavam à prece
 Por me encontrar em sintonia
 Com toda beleza que eu via
 E que para mim, tão criança,
 Era uma verdadeira festa!
 Eu sempre caminhava feliz e encantado,
 Hora pelos seus campos floridos
 Hora por suas vargens molhadas,
 Causa de frequentes e torrenciais chuvas
 Que transbordavam seus rios
 Os quais, com grande tristeza,
 Hoje só os vejo sempre vazios! ...
 Quantas e quantas vezes
 Nas manhãs claras de seus dias
 Fui despertado pela sinfonia
 Da passarada em festa que,
 No afã de construir seus ninhos,
 Escolhiam os mais invioláveis cantinhos,
 Para proteger, no futuro, sua tão preciosa espécie.
 Ensinando a mim, tão criança,
 Como tudo isso naturalmente acontece!
 Depois, já um pouco mais crescidinho,
 Cavalgando o meu corcel "Canarinho"
 A procura de uma rês tresmalhada
 E por isso, tendo que deixar a estrada,
 Era comum encontrar,
 Dormindo sob densas ramagens,
 Um belo exemplar selvagem
 De um arisco lobo guará
 Que não só a mim assustava
 Mas, também, ao animal que eu montava!
 Essa minha infância já tão longínqua
 Que tanta recordação me traz
 Faz com que eu feliz me sinta,
 Quando dela posso falar
 E em sã consciência gritar:
 Obrigado meu Deus!
 Por ter me feito um grande amante da natureza
 E me ensinado a amar,
 Fraternalmente, todos os filhos TEUS!

Inverno de 2014
 Antônio Ribeiro Jackson